

## COMPETÊNCIAS DIGITAIS NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA: INTEGRAR A ALFABETIZAÇÃO DIGITAL COM O ENSINO TRADICIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA PREPARAR OS ALUNOS PARA A COMUNICAÇÃO NO MUNDO DIGITAL

Roberta Preissler Marcolino Giovanelli<sup>1</sup>  
Diógenes José Gusmão Coutinho<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente tem o intuito de analisar o processo que o indivíduo faz para atingir um desenvolvimento intelectual, social através das habilidades desenvolvidas em seu processo escolar e em seu meio de convivência, pensando em contribuir com um bom desenvolvimento através do letramento digital em junção com ensino tradicional da língua portuguesa. Nessa perspectiva, busca-se evidenciar de que forma a alfabetização digital desempenha as capacidades múltiplas do indivíduo em seu processo educacional, social e cultural para o preparo dos alunos para a comunicação no mundo digital. O tema foi escolhido por ser dinâmico e atual, sem perder a verdadeira essência da sede do conhecimento e do aprendizado. As capacidades múltiplas do indivíduo são desenvolvidas através do seu contato diariamente com diferentes tipos de textos, sejam eles impressos ou digitais, caracterizados como gêneros textuais, com estrutura verbal ou não verbal. Conclui-se que, embora o ensino tradicional da língua portuguesa necessite que seja dada continuidade, é possível e benéfico a integração com a alfabetização digital.

2205

**Palavras-chave:** Alfabetização digital. Educação-ensinofundamental. Formação do indivíduo.

**ABSTRACT:** The present aims to analyze the process that the individual takes to achieve intellectual and social development through the skills developed in their school process and in their environment, thinking about contributing to good development through digital literacy in conjunction with teaching traditional Portuguese language. From this perspective, we seek to highlight how digital literacy plays into the individual's multiple capabilities in their educational, social and cultural process to prepare students for communication in the digital world. The theme was chosen because it is dynamic and current, without losing the true essence of the thirst for knowledge and learning. The individual's multiple capabilities are developed through daily contact with different types of texts, whether printed or digital, characterized as textual genres, with verbal or non-verbal structure. It is concluded that although the traditional teaching of the Portuguese language needs to be continued, integration with digital literacy is possible and beneficial.

**Keywords:** Digital literacy. Education-elementary education. Individual formation.

---

<sup>1</sup>Mestrado em Ciências da Educação, Christian Business School.

<sup>2</sup>Orientador do mestrado em Ciências da Educação, Christian Business School. Doutor em biologia, UFPE. <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>.

## I. INTRODUÇÃO

Os saberes tecnológicos revolucionaram a humanidade e com, o advento da internet, o acesso às informações se tornou mais amplo, dinâmico e rápido. Em favor do processo contínuo de aprendizado, os agentes socializadores: família, escola, igreja e, no contexto mais atual, as mídias tradicionais e internet podem ser mecanismos de transmissão de valores sociais, salientando que os indivíduos e as instituições não podem ser considerados isoladamente devido a importância da integração, visando a formação de indivíduos ativos politicamente.

Atualmente o aprender não é mais um trabalho mecânico, mas sim um processo de construção e transformação do conhecimento, no qual o papel do professor é de fundamental importância como questionador, investigador e incentivador dessa construção e transformação.

Importante salientar que o conceito de educação deve ser interpretado de forma ampla, ou seja, busca-se efetivar não somente o acesso às escolas ou locais de ensino, mas que se faça desse meio, a educação, um difusor para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, para que deste modo, haja uma integração entre educação e cidadania, conceitos intimamente ligados pelos ideais de justiça e pacificação.

A educação vem passando por um processo de releitura profunda, revendo questões de construção do ensino baseado em uma transmissão de conhecimentos de forma mais autêntica, que é aquele capaz de desafiar a pessoa que o adquire para agir no mundo, esse desafio está em superar os condicionantes sociais que esbarram a todo o momento no caminho dos indivíduos e que, por isso, se faz necessário uma formação libertadora que fomente a garra de vencer obstáculos visíveis na sociedade.

Nesse intento, a educação já evoluiu drasticamente e atualmente se vivencia a sociedade do conhecimento, que se produziu a partir das redes sociais, das interações e colaborações, entre os indivíduos membros, advindas sobretudo, transformação da era digital.

Há que se elucidar que a utilização de recursos devem ser restritos devido a limitação da situação fática, mas o uso de tecnologia vem ganhando espaço e ficando cada vez mais acessível, possibilitando a um pequeno custo sua utilização e, assim, o aluno poderá mais facilmente acompanhar as atividades lançadas pelo professor para melhor aproveitamento dos estudos.

O uso das metodologias ativas, nesse intento, propõe-se a participação ativa dos alunos no contexto de sua aprendizagem, assim o aluno se coloca em uma posição de mais protagonismo, sendo ele mesmo o condutor de seu próprio conhecimento, utilizando assim

mais ludicidade, envolvimento do aluno para chamar a sua atenção, utilização de leituras e debates, estudos de casos, dentre outros, melhorando o engajamento e motivação, podendo diminuir a evasão e aumentar o rendimento, desenvolvendo habilidades importantes que, muitas vezes, nos métodos tradicionais, não são descobertos.

No Brasil, o termo letramento digital é traduzido de diversas formas por vários autores, dentre eles: alfabetização informacional (CAREGNATO, 2000) e competência informacional (CAMPELLO, 2002). Confirmando o fato mencionado, segundo Dudziak (2003), a *information literacy* é praticamente inexplorada no país, e algumas expressões possíveis para o termo seriam: Alfabetização informacional, letramento, literacia, fluência informacional e competência em informação. A tradução do termo *information literacy* como competência informacional feita por Campello (2002 apud CAMPELLO, 2003), na perspectiva da biblioteca escolar, “sinalizava para o potencial desse conceito como catalisador das mudanças do papel da biblioteca em face das exigências da educação no século XXI” (CAMPELLO, 2003, p. 28-29).

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura, a qual é considerada método de pesquisa que possibilita a busca, a avaliação crítica e a síntese do estado do conhecimento sobre determinado assunto (MENDES, 2018). Assim, para a realização da revisão devemos obedecer seis etapas utilizadas neste estudo: 1. Elaboração da pergunta norteadora; 2. Busca na literatura; 3. Coleta de dados; 4. Investimento e, por último, e mais importante, apresentação da revisão bibliográfica (SOUZA, 2018).

O método de investigação fundamentado na revisão integrativa busca manter os padrões de clareza, rigor e replicação dos primários.

Para a seleção dos artigos foram consultadas as plataformas de dados de literatura científica e técnicas: Scientific Electronic Library Online (Scielo), e BVS- biblioteca virtual de saúde, e Google acadêmico no período de setembro e outubro de 2022. As palavras chaves foram selecionadas a partir dos objetivos de pesquisa. Os Critérios de Inclusão foi estudos disponíveis na íntegra, em open access, de 2007 a 2022, publicações originais, nas línguas portuguesa e inglesa, considerando o objetivo do estudo e o protocolo de revisão elaborado previamente.

Os Critérios de exclusão artigos repetidos, artigos não acessíveis em texto completo, resenhas, anais de congresso, monografias, teses, editoriais, artigos que não abordaram diretamente o tema deste estudo e artigos publicados fora do período de análise.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Alfabetização com letramento

Quando a criança deixa o ambiente da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, em muitos casos, há uma ruptura no processo ensino aprendizagem, pois se tem mais que a troca de ambiente. A maneira como este processo é trabalhado influencia diretamente na apropriação do conhecimento. Entende-se que é preciso olhar detalhadamente o espaço educativo, isto é, a sala de aula, considerando que educando possui sua história, seus saberes, sua bagagem de conhecimento e vivências nas quais devem ser valorizadas.

Este capítulo descreve resumidamente a raiz histórica da escrita, os métodos de alfabetização mais utilizados e a questão hoje tão discutida sobre a alfabetização e letramento. Destaca-se ainda que o letramento propicia condições para que o educando se aproprie dos conhecimentos científicos tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas também de iniciar a construção de novos conhecimentos, de acordo com sua realidade, dando sequência às séries subsequentes a alfabetização.

Uma das necessidades primordiais do ser humano é a comunicação. Desde seu surgimento, o homem tem deixado marcas impressas que representam suas vidas, anseios, desejos, medos, lendas etc. Um bom exemplo é a arte rupestre, que são os desenhos e esculturas que nossos ancestrais na pré-história deixaram registrados nas cavernas. Esses símbolos, embora simples, caracterizaram suas épocas e devem ser reconhecidos como início de um processo que a cada época, cada geração, cada cultura se modifica e se aprimora mais e mais. (JEAN. 2002),

De acordo com o autor já citado (2002) a escrita acompanha lentamente a evolução do homem. Com o passar dos milênios, a humanidade se desperta para a necessidade de registrar com clareza suas ideias e expressões significativas. Para isso, cada cultura cria uma simbologia e uma forma de registro própria, sendo que cada código é distinto um do outro.

Essas escritas eram representadas por signos, ou seja, desenhos que, combinados sequencialmente, em meio aos costumes e hábitos culturais da época, transmitiam uma ideia e eram denominados pictogramas. (JEAN.2002).

De acordo com Trindade (2010) escrever por meio de pictogramas não era uma escrita simples e poucos sabiam interpretá-la. As pessoas que dominavam a leitura e a arte de escrever eram os escribas e, por isso, detinham grande poder. Eles eram pessoas muito cultas, poderosas

que exerciam grande influência entre os soberanos.

Diz ainda Jean (2002) que os escribas também deram início à fonética, unindo símbolos com os sons para facilitar a leitura. Assim puderam distinguir língua falada de objetos. Essa distinção na escrita propiciou o registro de pensamentos, conhecimentos, história entre outros.

A escrita mais usada durante séculos era a cuneiforme (cuneus, do latim cunha). Vários povos a usaram, embora as simbologias mudassem de acordo com a língua de cada civilização e as ferramentas eram adaptadas ao suporte da escrita. Para tal procedimento, usava-se para as plaquetas de barro, as ferramentas de madeira; para as plaquetas de metal, usava-se um buril. Assim, cada país ou região habitada criou a forma de melhor comunicar-se entre eles, por exemplo: no Egito, segundo o mesmo autor, os escribas criaram os hieróglifos (Hieros = sagrado e gluphein = gravar; escrita dos Deuses) por volta de 3.000 a.C. Sua simbologia era capaz de exprimir, com clareza, qualquer coisa. Com ela, os egípcios deixaram seus registros em todas as áreas de conhecimento que possuíam, contemplando desde a medicina até a educação, da agricultura aos reinados, dentre outras. A China, em 2000 a.C., desenvolveu sua escrita, que perdura até os dias de hoje. Assim como os egípcios atribuem o surgimento da sua escrita aos deuses, os chineses atribuem seu surgimento a lendas de imperadores e sacerdotes em busca de suas respostas e sonhos. (TRINDADE, 2010)

2209

Graça a essa invenção das várias formas de escrita, utilizadas pelos nossos antepassados, que hoje podemos conhecer suas histórias, as condições sócio-culturais em que viviam. Bem como toda evolução que historicamente marcou a vida do ser humano ao longo dos séculos. Essa é uma das características mais importantes atribuídas à escrita: o registro das ideias, culturas, crenças que marcaram e marcam os principais fatos históricos da humanidade.

Saber ler e escrever por muitos anos aqui no Brasil era o sonho da maioria dos brasileiros, que, até então, eram excluídos do processo ensino aprendizagem. Tratava-se de um país praticamente de analfabetos.

Por longos anos, foram desenvolvidos programas e projetos que pudessem erradicar do país a marca de analfabeto, pois aprender a ler e a escrever era privilégio de poucos. Surgiram então programas como o MOBREAL, Ciclos de Cultura e outros que tinham como principal objetivo alfabetizar a população brasileira. (ARANHA, 2005).

Hoje, em pleno século XXI, ainda temos muito que caminhar e conquistar. Embora o acesso à escola e ao Ensino Fundamental seja um direito garantido nas leis nacionais, muitas pessoas passam pela escola e saem sem saber ler e escrever como deveriam, isso tudo por uma

série de fatores sócio-culturais e econômicos que interferem diretamente no processo de escolarização.

Não há dúvida quanto à importância da alfabetização com letramento. Sem ler e escrever tudo fica mais difícil, desde a leitura de uma simples receita até à mobilidade social, ou seja, do ir e do vir, tornando-se um tormento para uma pessoa analfabeta. O mercado de trabalho, então, é outra aflição. Sem saber ler ou escrever os sujeitos estão no mundo, mas ao mesmo tempo, estão à mercê do mesmo porque se tornam excluídos ou são privados de viver plenamente sua cidadania.

Atualmente, as sociedades estão centradas cada vez mais na escrita. Contudo, o simples saber codificar e decodificar as palavras, por meio do código linguístico, isto é, ser apenas alfabetizado sem letramento, tem-se constituído condição insuficiente para responder com autonomia e consciência às exigências e necessidades do mundo contemporâneo.

De acordo com Santa Catarina (2005, p.23) para o indivíduo exercer sua cidadania, “é necessário ir além da simples apropriação do código escrito; é preciso exercer as práticas sociais da leitura e escrita demandadas nas diferentes esferas da sociedade”.

Desta forma, entra em jogo a questão do letramento. Não que seja algo novo, nem tampouco é um tipo de método. É uma palavra que dá novo sentido ao processo alfabetizador. Por isso, é emergencial estudar e compreender seus significados, pois, até então, era um conceito fenômeno pouco discutido.

2210

Na procura da solução para as dificuldades no processo de alfabetização, muitos educadores começam a defender a importância do letramento como ponto chave no processo de apropriação da leitura e da escrita. Há um entendimento geral de que letramento refere-se à prática social da leitura e da escrita e se junta ao conceito de alfabetização, no sentido de se dar conta não apenas da dimensão do processo de apropriação do código da escrita, mas de suas consequências na vida social dos indivíduos. (SANTA CATARINA, 2005).

Ainda na Proposta Curricular de Santa Catarina (2005) pode-se verificar que a difusão e o emprego do termo letramento passaram a ter relevância no meio educacional, a partir da década de 1980. Trata-se de um processo em que se deve permear as ações pedagógicas da reorganização do ensino, a reformulação e ressignificação dos novos modos de ensinar, que ganhou espaço e credibilidade no discurso de teóricos, de especialistas e de professores alfabetizadores.

É necessário superar o sentido restrito de alfabetização concebido como um simples

processo de apropriação do sistema de escrita para que o indivíduo seja letrado. Isso, quando se faz uma distinção entre alfabetização e letramento como explica Soares (2003, apud SANTA CATARINA, 2005), escrevendo que: a alfabetização em sentido restrito refere-se apenas a aquisição do alfabeto escrito, sua estruturação para ler e escrever, enquanto que o letramento refere-se ao processo de inclusão e participação na cultura escrita, envolvendo o uso da língua em situações reais da sociedade que nos envolve. Ou seja, constitui conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades indispensáveis para o uso da língua em práticas sociais que requerem habilidades mais complexas.

O objetivo central desse processo não está voltado somente para garantir a inclusão do sujeito letrado no processo escolar, mas reconhecer que um indivíduo não letrado possui maior possibilidade de ser mais um excluído da sociedade em que vive. (SOARES, 2004).

A autora (2004) ainda destaca que a leitura é um dos principais instrumentos de comunicação e interação social, e, por isso, afirma que não se trata de garantir ao sujeito letrado a inclusão social, mas considerar que a falta de letramento determina a sua exclusão.

### 3.2 Letramento Digital

A sociedade da informação e do conhecimento “caracteriza-se pela multiplicidade de informações, pela aceleração dos seus processos de produção e de disseminação” (MATA; SILVA, 2008, p.28). Neste contexto, torna-se necessário preparar cidadãos capacitados para selecionar, avaliar, interpretar e utilizar as fontes de informação habilmente, nos mais variados suportes. Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002 apud SILVA et al., 2005, p.33), afirmam que: “não poderá haver sociedade da informação sem cultura informacional e que o maior problema da inclusão digital não é a falta de computadores, mas o analfabetismo em informação”.

O termo letramento informacional (*information literacy*) foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos, na década de 1970, para caracterizar competências necessárias ao uso das fontes de informação, que começavam a ser produzidas naquela época. O conceito foi usado para designar habilidades na utilização de bases de dados eletrônicas que estavam sendo comercializadas no país. A classe biblioteconômica apropriou-se do termo em reação ao documento *A Nation at Risk*, relatório publicado em 1983 sobre a situação da educação norte americana, que ignorava inteiramente a contribuição da biblioteca no ensino, e o papel educativo do bibliotecário (DUDZIAK, 2003; CAMPELLO, 2003, apud CAMPELLO, 2009).

Apropriando-se do conceito de letramento informacional, os praticantes da área

iniciaram um movimento de reação, em que tentavam provar sua capacidade de influir no processo de aprendizagem (CAMPELLO, 2009). O conceito de letramento informacional foi construído em torno de diversas noções, uma das quais à de sociedade da informação. No seu discurso, sobre o tema do letramento informacional, os praticantes ressaltavam as características desse ambiente de abundância de informações e de variedade de formatos, justificando a necessidade de novas habilidades para lidar com a situação altamente complexa e mutável.

#### O letramento informacional constitui-se na

[...] capacidade essencial, necessária aos cidadãos para se adaptar à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento. Isso implicaria, fundamentalmente, que as pessoas tivessem capacidade de entender suas necessidades de informação e de localizar, selecionar e interpretar informações, utilizando-as de forma crítica e responsável (KONG et al., 2005 apud CAMPELLO, 2009, p.69).

Alguns autores consideram que a tecnologia tenha ensejado o aparecimento de nova forma de letramento, tais como apontaram Tweed Ross e Gerald Bailey, pesquisadores da Kansas State University (EUA), que identificaram quatro fases na evolução do letramento: pictográfica, oral, bibliográfica e eletrônica (eletrographic). Observaram que, no século XXI, a pessoa letrada precisa entender de informação eletrônica que, por sua característica de multimídia, apela para os vários sentidos, permite a comunicação à distância e envolve aspectos emocionais, multiculturais, colaborativos, artísticos e interativos. Assim, sugeriram que fosse implementado no currículo o que chamam de “novo letramento” (CAMPELLO, 2009).

2212

Essas habilidades informacionais são denominadas por Dudziak (2003 apud MATA; SILVA, 2008, p.28) como o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudes e habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar aprendizado ao longo da vida.

O letramento é a competência em compreender, assimilar, reelaborar e chegar a um conhecimento que permita uma ação consciente, o que encontra correspondente no letramento digital: “saber utilizar as TIC, saber acessar informações por meio delas, compreendê-las, utilizá-las e com isso mudar o estoque cognitivo e a consciência crítica e agir de forma positiva na vida pessoal e coletiva” (SILVA et al., 2005, p.33).

Porém, Buzato (2003 apud SILVA et al., 2005, p.33) adota o termo letramento digital com certa similaridade a competência.

[...] por entender que não se trata apenas de ensinar a pessoa a codificar e decodificar a escrita, ou mesmo usar teclados, interfaces gráficas e programas de computador, mas de inserir-se em práticas sociais nas quais a escrita, mediada por computadores e outros dispositivos eletrônicos, tem um papel significativo. Logo, letramento digital seria a habilidade para construir sentido, capacidade para localizar, filtrar e avaliar



criticamente informação eletrônica, estando essas palavras em elementos pictóricos, sonoros ou qualquer outro.

Essa aprendizagem, visando à formação de cidadãos competentes no uso da informação,

[...] deve ser iniciada na pré-escola, acentuando-se no período do ensino fundamental, fase introdutória dos educandos ao ambiente da biblioteca escolar e com as fontes de informação, sendo o período propício para a realização da instrução da competência em informação. (MATA; SILVA, 2008, p.28 grifo nosso).

A pesquisadora Carol Kuhlthau (2004), em sua obra intitulada *Como usar a biblioteca na escola*, traduzida e adaptada à realidade brasileira por um grupo de pesquisadores da Escola de Ciência da Informação da UFMG, orienta os profissionais de educação e bibliotecários no desenvolvimento de atividades para o espaço da biblioteca escolar, auxiliando na formação de alunos competentes em informação. Nas atividades apresentadas na obra, os alunos aprendem a utilizar os recursos informacionais da biblioteca como dicionários, almanaques, enciclopédias, revistas, jornais, atlas, a *internet* e os recursos audiovisuais como ferramentas para o aprendizado. Obedecendo a uma faixa etária para o desenvolvimento das atividades supra, o programa também ensina para os alunos critérios de organização das fontes de pesquisa, a utilizar catálogos para localizar livros, enfim, a serem independentes no uso dos recursos informacionais e na busca por informações para a produção dos trabalhos escolares.

Entende-se, como base conceitual, a competência em informação definido por Dudziak (2003) como a pesquisa, estudo e aplicação de técnicas e procedimentos ligados ao processamento e distribuição de informações com base no desenvolvimento de habilidades no uso de ferramentas e suportes tecnológicos.

2213

Já, destacando a diferença dos conceitos e a importância do incentivo da prática, a competência em informação é a habilidade no uso das tecnologias; é preciso ter a capacidade de encontrar as informações nas fontes, facilidade no manejo de processos e controle da informação, construção de conhecimento e sua aplicabilidade de modo a utilizá-lo com sabedoria (BRUCE, 1997).

Analisando os conceitos, percebe-se uma diferença na compreensão do termo entre os autores. Dudziak (2003) entende a competência em informação como práticas pedagógicas para o desenvolvimento de habilidades no uso das tecnologias. Já Bruce, entende que a competência é a etapa final, onde o indivíduo possui as habilidades necessárias para utilizar as TIC.

Assim, letramento digital, é o

Conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. (LÉVY, 1999, p. 17 apud SILVA NETO, 2009, p. 393).

A aplicabilidade desse conceito no contexto educacional pressupõe atender à biblioteca escolar em alguns requisitos como acervo, equipamentos, pessoal capacitado e especializado e, por último, entrosamento direção – professores – bibliotecários. (MATA; SILVA, 2008, p.29 grifo nosso). Segundo Manifesto da IFLA/UNESCO, (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2005) o bibliotecário escolar é o membro profissionalmente qualificado, responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca escolar. Este profissional possui conhecimento para gerenciar a biblioteca; além de promover e criar projetos e/ou atividades para atrair os usuários para o ambiente e, deve estar integrado ao projeto pedagógico da escola (MATA; SILVA, 2008 p.29).

### 3.3 Profissionais diante das tic`s para facilitar as comunicações no ambiente escolar

Em um ambiente escolar, todos os dias, existem um leque de informações importantes que chegam e não se pode ignorar esse fato. Contudo, para fazer a diferença em um espaço escolar, Coordenadores, Professores e Orientadores deverão estar capacitados para que as informações e a comunicação fluam no ambiente em um ritmo mais veloz.

Hoje, a sociedade contemporânea vive em um mundo em constantes transformações, possibilitadas pela era tecnológica. E essas mudanças impactam não só no comportamento humano, mas modificam e influenciam nos aspectos sociais, pessoais, nos ambientes escolares e outros, exigindo assim, pessoas, mais bem-preparada para lidarem com essa nova forma de receber e da informação, ou seja, no setor educacional é necessário que o Orientador educacional ajude e influencie os membros escolares no uso das tecnologias. De acordo com Kellner:

A revolução tecnológica centraliza-se no computador, na informação, na comunicação e nas tecnologias multimídias; é frequentemente interpretada como o primeiro estágio de uma sociedade do conhecimento ou da informação e tudo isto atribui à educação um papel central em todos os aspectos da vida. Esta “grande transformação” coloca tremendos desafios aos educadores forçando-os a repensar seus princípios básicos, a desenvolver novas tecnologias de maneiras criativas e produtivas e a reestruturar a escolarização para que esta possa responder de maneira construtiva e progressista às mudanças tecnológicas e sociais que agora experimentamos (KELLNER, 2001, p. 6).

Portanto as mudanças no ambiente escolar são de alta importância, pois a inserção e a utilização dos recursos tecnológicos são indispensáveis na comunicação. Através das mídias há uma facilidade de contato com os responsáveis de seus alunos, além de possibilitar a comunidade escolar questionar, analisar e agir sobre o rendimento de seus filhos. E um meio

dessa comunicação ocorrer é através de um ambiente online para a ampliação da comunicação entre a escola e a Família.

Sabe-se que, a participação, o envolvimento de pais não só colabora com todo o procedimento escolar, como ainda para um progresso no recinto familiar, além de eventualmente acender de maneira positiva o desenvolvimento das crianças e no rendimento escolar.

No momento em que vivemos a tecnologia de comunicação digital, essa transformou a realidade da sociedade, da cultura do espaço e do tempo, fazendo com que em um ambiente educacional abra novas possibilidades de aperfeiçoar a interação entre os vários segmentos envolvidos no processo educacional.

O envolvimento dos gestores escolares na articulação dos diferentes segmentos da comunidade escolar, na liderança do processo de inserção das TIC na escola em seus âmbitos administrativo e pedagógico e, ainda, na criação de condições para a formação continuada e em serviço dos seus profissionais, pode contribuir e significativamente para os processos de transformação da escola em um espaço articulador e produtor de conhecimentos compartilhados (ALMEIDA, 2004, p. 2).

Contudo, o Orientador Educacional precisa adotar medidas no interior da escola em conjunto com docentes e comunidade, propostas e ações objetivando compreender os dispositivos das tecnologias da informação e comunicação na promoção da construção da aprendizagem com qualidade, da comunicação interna e externa da escola.

2215

Todavia, através dessas comunicações que esses recursos tecnológicos oferecem, espera-se com isso uma melhor interatividade entre os membros escolares e a comunidade. Entretanto, cada comunidade escolar possui uma realidade que poderá intervir ou modificar o processo no uso das tecnologias, mas caberá à escola adaptar o seu projeto de gestão onde atenda com os mesmos princípios pedagógicos qualquer classe social.

As tecnologias permitem um novo encantamento na escola, ao abrir suas paredes e possibilitar que alunos conversem e pesquisem com outros alunos da mesma cidade, país ou do exterior, no seu próprio ritmo. O mesmo acontece com os professores. Os trabalhos de pesquisa podem ser compartilhados por outros alunos e divulgados instantaneamente na rede para quem quiser. Alunos e professores encontram inúmeras bibliotecas eletrônicas, revistas on-line, com muitos textos, imagens e sons, que facilitam a tarefa de preparar as aulas, fazer trabalhos de pesquisa e ter materiais atraentes para apresentação. O professor pode estar mais próximo dos responsáveis de seus alunos. Pode receber mensagens com dúvidas, pode passar informações complementares para determinados alunos e pais. Pode adaptar a sua aula para o ritmo de cada aluno. Pode procurar ajuda em outros colegas sobre problemas que surgem, novos programas para a sua área de conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem pode ganhar assim um dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitada (MORAN, 1995, p. 24 – 26).

A escola quando passa a atender as classes sociais existente em seu ambiente, está além de proporcionar uma comunicação compartilhada, a escola se abre para novas relações com o saber, trocando informações e experiências com diferentes ambientes do conhecimento que têm o mesmo interesse. Alunos e professores trabalham em conjunto e a escola passa a ser um ambiente prazeroso e interessante onde prepara o aluno para o futuro.

Grande é a contribuição fornecida pelo uso das TIC: [...] as tecnologias de informação não são apenas meros instrumentos que possibilitam a emissão/recepção deste ou daquele conteúdo de conhecimento, mas também contribuem fortemente para condicionar e estruturar a ecologia comunicacional das sociedades. Cada época histórica e cada tipo de sociedade possuem uma determinada configuração que lhes é devida e proporcionada pelo estado das suas tecnologias de informação e comunicação (TIC), reordenando de um modo particular as relações espaços-temporais, nas suas diversas escalas (local, regional, nacional, global) que o homem manteve e mantém com o mundo, e estimulando e provocando transformações noutros níveis do sistema sociocultural (educativo, econômico, político, social, religioso, cultural, etc.)[...] (SILVA, 2001, p. 840).

As TIC'S facilitam uma comunicação entre educadores, pais e membros da comunidade, gerando troca de experiências e através dessa comunicação que é feita por meio dos recursos tecnológico acaba promovendo a interação e aumenta a transparência da Instituição Educacional, facilita na prestação de serviço entre escola e comunidade, além de tudo desenvolve o processo participativo, ou seja, a discussões e as tomadas de decisões são compartilhadas, diminui o intermédio de terceiros e assim permite a participação direta dos responsáveis dos alunos.

2216

Hoje em dia, muitas escolas estão desenvolvendo sites, webmails para o acesso das informações para o público interno e externo, assim garante que todos que acessam o site conheçam um pouco do trabalho escolar, por meio de ambientes virtuais.

Todavia, como já foi citado é relevante à formação contínua dos profissionais atuantes na escola, levando em conta a importância e a necessidade de incorporar as TIC no dia a dia escolar, pois, essa qualificação se faz necessária para que todas essas informações e parceria com a comunidade aconteça. Pois, um projeto onde inclua o membro escolar e a comunidade é algo fundamental para uma resposta positiva. Contudo, esse projeto deve ocorrer tanto de forma coletiva no Projeto Político Pedagógico - PPP da escola como nos demais projetos a serem desenvolvidos com a comunidade escolar.

Assim, as TIC podem ser incorporadas na escola como suporte para: a comunicação entre os educadores da escola, pais, especialistas, membros da comunidade e de outras organizações; a criação de um fluxo de informações e troca de experiências, que dê subsídios para a tomada de decisões; a realização de atividades colaborativas, [...] onde, permitam enfrentar os problemas da realidade; o desenvolvimento de projetos inovadores relacionados com a gestão administrativa e pedagógica; a representação do

conhecimento em construção pelos alunos e respectiva aprendizagem (ALMEIDA, 2002, p.3).

Infelizmente, muitas escolas não têm um quadro de funcionário que sejam capacitados a manusear de maneira correta as ferramentas tecnológicas no que diz respeito a dar sentido no objetivo que a escola pretende alcançar, que é o acesso a tecnologia para facilitar e melhorar o ensino aprendizagem dos alunos e aproximar pais, responsáveis e comunidade escolar para dentro da escola.

Além disso, muitos colégios não possuem equipamentos de tecnologia e nem acesso à internet, e isso dificulta o desenvolvimento escolar e faz com que a escola se distancie um pouco da realidade digital. Porém, cabe a Instituição Educacional trabalhar com o pouco de recursos que lhe resta e cada um incluindo funcionário da escola, alunos sentir-se comprometido e se esforçar para trabalhar com os recursos que têm. Assim, é possível aos poucos alcançar a inclusão digital e melhorar a comunicação interna e externa.

A comunidade-escola não pode ficar reduzida a uma instituição reprodutora de conhecimentos e capacidades. Deve ser entendida como um lugar em que são trabalhados modelos culturais, valores, normas e formas de conviver e de relacionar-se. É um lugar no qual convivem gerações diversas, em que encontramos continuidade de tradições e culturas, mas também é um espaço para mudança. A comunidade-escola e a comunidade local devem ser entendidas, acreditamos, como âmbitos de interdependência e de influência recíprocas, pois (...) indivíduos, grupos e redes presentes na escola também estarão presentes na comunidade local, e uma não pode ser entendida sem a outra. (SUBIRATS, 2003, p.76).

O esforço do corpo escolar é muito importante, mas não podemos deixar de falar da responsabilidade e obrigação que é indispensável dos administradores do município, ou seja, os dirigentes que tem uma grande e essencial parcela para que todos os alunos e equipe pedagógica estejam diante dos recursos tecnológicos, além de disponibilizar cursos e treinamento para os docentes se capacitarem e estarem preparados a lidarem com as Tic`s, por que não é somente introduzir essas ferramentas tecnológica que o problema estará resolvido, ou seja, não é somente a inserção dessas tecnologias em sala de aula que trará mudanças na aprendizagem dos alunos, é preciso uma qualificação a altura desses recursos.

A utilização das TIC permite dinamizar as aulas, estimular o senso crítico, a criatividade em função de uma educação para a autonomia, descobrindo novos paradigmas, que permitirão aos educandos entrarem no terceiro milênio com uma educação mais humanitária. Ajudam o professor, atraem os alunos, aproximam a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana e, também, introduz novas questões no processo educacional. [...] Alunos estão constantemente interagindo com tecnologias e entram em contato com todo tipo de informação – sobre religião, política, economia, cultura, esportes, sexo, acontecimentos nacionais e internacionais – diferentes assuntos, abordados com graus de complexidade variados, expressando pontos de vista, valores e concepções diversos. (MERCADO, 2009, p. 9-10)

Por mais que essas dificuldades interfiram, deve-se preparar o educador para trabalhar com as TIC's para desenvolver melhor a aprendizagem de seus alunos. É válido destacar que são muitos os esforços das escolas para conseguir colocar os sistemas educativos à altura das demandas da sociedade. Porém, mesmo com esses grandes e importantes esforços realizados, ainda tem muitos desafios a serem encarados para igualar o acesso ao uso das TICS e assim permitir que todos tenham uma educação justa e igualitária.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permite-nos refletir sobre a necessidade de uma abordagem mais dinâmica e interativa da aprendizagem como atividade contínua, utilizar a própria prática como objeto de reflexão e aprimoramento na construção do conhecimento. Sua dinâmica cotidiana significa maior exploração na construção de conceitos que potencializam o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Recomenda-se uma abordagem diferenciada para os alunos que têm maior dificuldade em abstrair as situações-problema exigidas e, se possível, os professores identificarão atendimentos individualizados em sala de aula sem colocar os alunos em situações constrangedoras.

Uma das possíveis soluções seria a construção do conhecimento, novos métodos e uso de tecnologia, é importante que o professor conheça a turma, e a dificuldade particular de cada aluno, pois é normal na turma ter aquele aluno que tem mais facilidade na área, e outro aluno que já não tem essa facilidade, merecendo então uma atenção especial. Mudar a metodologia desempenha um papel importante no processo de ensino.

Acredita-se que a competência em informação pode ser um caminho para diminuir a desigualdade social que há na maioria das escolas públicas, garantindo aos jovens cidadãos o direito de acesso à informação, à educação de qualidade e a inserção em uma sociedade que cada dia vez mais vive em rede.

#### REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Presidential Commintte on InformationLiteracy. Final report. Chicago, 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrlpubs/whitepapers/presidential.htm>>. Acesso em: 30 maio 2013.

ARAÚJO, Verônica Danieli Lima; GLOTZ, Raquel Elza Oliveira. O letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais.

**Paidéia:** revista científica de educação à distância, Santos, v. 2, n.1, p. 1-26, jun. 2009. Arquivo no formato PDF.

BRUCE, Christine. **Seven faces of information literacy in higher education.** 1997. Disponível em: <<http://www.christinebruce.com.au/informed-learning/seven-faces-of-information-literacy-in-higher-education/>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na educação para oséculo XXI. In: \_\_\_\_\_ et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 9-11.

\_\_\_\_\_. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira De Biblioteconomia e Documentação:** Nova série, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 63-77, dez. 2006.

\_\_\_\_\_. **Letramento informacional no Brasil:** práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID7UUPJY/tesebernadetesantoscampello.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação,** Brasília, DF, v.32, n.3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/1902.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista De Biblioteconomia & Comunicação,** Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000. 2219

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação,** Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3qKKJW3BbAMJ:www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf+DUDZIAK+2003&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 20 jul. 2013

## FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS

E INSTITUIÇÕES. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares.** Tradução Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 2005. Disponível em:

<[http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt\\_br.pdf](http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2013. Tradução de: The IFLA/UNESCO School Library Guidelines.

GAMA, Agleice Marques. O letramento digital e a escola como sua principal agência. **Revista Memento,** Três Rios, v. 3, n.1, p.1-12, jan./jul. 2012. Arquivo no formato PDF.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Altas, 2008.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola:** um programa de atividades para o

ensino fundamental. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Formação humana na escola, 4).

LAU, Jesús. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Tradução Regina Célia Baptista Belluzzo. Boca Del Rio: IFLA, 2007. Disponível em: <[www.febab.org.br/jesus\\_lau\\_trad\\_livro\\_comp\\_v\\_f.doc](http://www.febab.org.br/jesus_lau_trad_livro_comp_v_f.doc)>. Acesso em: 02 nov. 2013.

MATA, Marta Leandro da; SILVA, Helen de Castro. Biblioteca escolar e a aplicação da proposta da competência em informação no ensino fundamental. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 3, p.28-39, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.crb8.org.br/ojs/crb8digital>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

MURTA, Claudia Almeida Rodrigues; MARTINS, Flávio; ABREU, Márcia Luiza. Letramento digital: o que as escolas (não) estão fazendo para (re)escrever a história. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA

PORTUGUESA, 2., 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 1-9. Arquivo no formato PDF.

OLIVEIRA, Ewerton Lopes Silva de. Práticas do letramento digital na formação docente: breve análise da condução metodológica do proinfo integrado. 2013. 79f. Monografia (Graduação). Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciência Aplicada e Educação. Paraíba, 2013. Disponível em: <[www2.ccae.ufpb.br/.../EWERTON-LOPES-S.-DE-OLIVEIRA-TCC.pdf](http://www2.ccae.ufpb.br/.../EWERTON-LOPES-S.-DE-OLIVEIRA-TCC.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2013.

SILVA, Helena et al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 34, n. 1, p. 28-36, jan./abr. 2005. 2220

SILVA NETO, Carlos Eugênio da. Letramento digital: um novo desafio acadêmico para o arquivista. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. , p. 385-406, dez. 2009. Disponível em: <[www.brapci.ufpr.br/download.php?ddo=10378](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?ddo=10378)>. Acesso em: 21 jul. 2013.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília, DF: Ministério